

Centro da cidade é hoje área de conflito e tensão

Valorização do patrimônio histórico é, para os técnicos, única solução para o centro

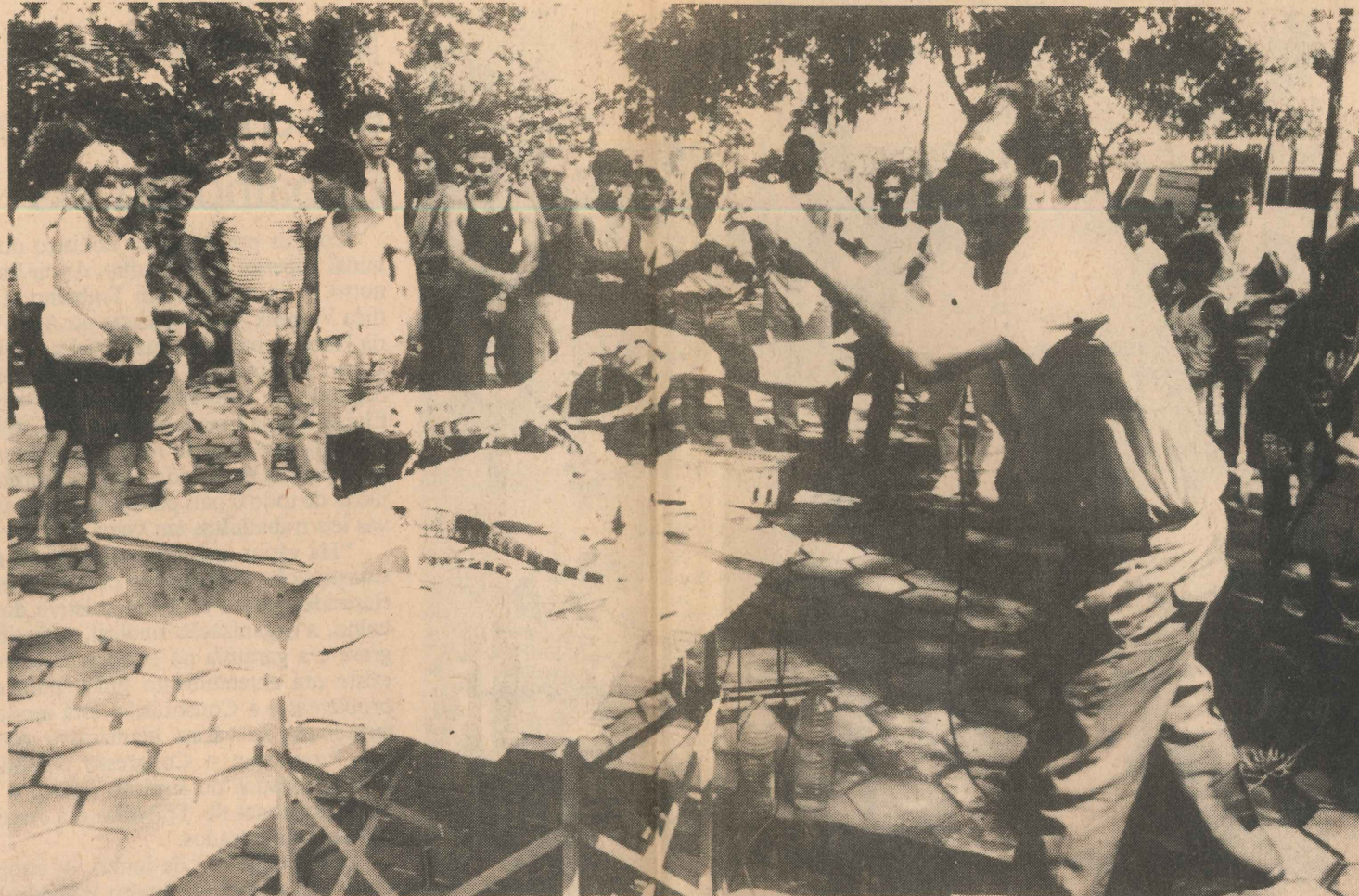
Andréia Curry

O centro de Vitória é a área mais atingida pela transformação urbana que vem ocorrendo no Estado nas últimas duas décadas. A opinião é do professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Roberto Garcia Simões. Para ele, é ali que pulsam com mais força a vida e os conflitos de nossa sociedade, principalmente porque o centro é aberto e não foi dividido em territórios por classes sociais — como acontece nos demais bairros de Vitória.

Por isto, se o centro é a sede do poder e do capital financeiro, com dezenas de bancos enfileirados pelas principais ruas, é também o local de atração de pivetes e mendigos, dos trabalhadores e dos patrões, exibindo a pluralidade que marca nossa sociedade. Por isto também o centro reúne conflitos, tensões e problemas. Porém, para o professor ainda é possível resgatar o centro da cidade, com a valorização do patrimônio histórico e cultural ali existente e através de várias medidas que melhorem a qualidade de vida e animem suas ruas.

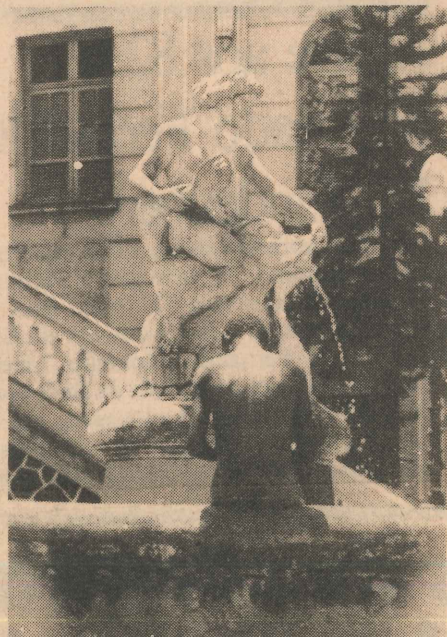
E essa revitalização, reivindicada pela classe artística, pelos comerciantes e por toda comunidade da Região já começa a ser feita a partir da restauração da Fafi e da criação do projeto Artes na Praça na Costa Pereira — que tem sido elogiado por muitos moradores. Entretanto, para a maioria das pessoas que trabalha e habita o centro da cidade, a decadência da qualidade de vida no centro é flagrante, assim como a sua desvalorização em meio ao barulho, à poluição e à concentração de carros e de pessoas.

Para o secretário Estadual de Meio Ambiente, Almir Bressan, que mora há vários anos no início da avenida Beira-Mar, o centro de Vitória está se tornando insustentável, embora ele concorde que não seja fácil reverter esse processo. E isto acontece principalmente devido a dois fatores: a topografia da cidade e à ocupação feita sem qualquer planejamento. “E o que vemos hoje é que Vitória possui prédios excessivos que formam corredores impedindo a ação dos ventos; morros e maciços ocupados indevidamente, que dão origem a deslizamentos a qualquer chuva”, disse ele.



Nos dias úteis, as praças do centro, como a Costa Pereira, são invadidas por espetáculos de nível suspeito

Foto de Alton Lopes



Na fonte do Anchieta, o pivete



Milhares de camelôs invadiam áreas vitais como a Praça Oito de Setembro

Vitória, desde 1985, alunos do curso de Arquitetura da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) fizeram um projeto para revitalizar o centro de Vitória, que passou a ser utilizado pela atual administração municipal. “A idéia que se tem para o centro da cidade é bastante ampla e inclui diversas ações que serão executadas nos próximos três anos”, explicou o secretário Municipal de Planejamento Fernando Bertarello, acrescentando que a idéia é envolver os moradores e comerciantes para discutir os principais problemas e as soluções para o centro, antes que as ações efetivas sejam iniciadas.

Algumas obras pequenas, entretanto, já começaram a ser feitas. De acordo com o secretário de Obras da PMV, Kleber Frizera, algumas calçadas que precisam de reparos já estão tendo seu piso trocado por pedras portuguesas, como as da avenida General Osório. Para os próximos meses está previsto o fechamento e a construção de um calçadão da rua ao lado do Teatro Carlos Gomes, a construção de uma arquibancada na região do Saldanha da Gama para os apreciadores de regatas, além da reforma do Parque Moscoso, que prevê o plantio de mais árvores, a remodelagem de caminhos, a recuperação dos lagos e a melhoria da iluminação, além da construção de uma biblioteca municipal na área.

A restauração do prédio da Fafi e da Igreja do Rosário já está sendo providenciada e existem projetos para a melhoria das diversas praças existentes no centro. O secretário de Serviços Urbanos, João Mangaravite, informou que ainda na segunda semana de junho começarão a ser instalados cerca de 500 latões de lixo em toda a cidade, que atualmente conta com cerca de 60 varredores que retiram todos os dias mais de 20 toneladas de lixo da região.

De acordo com Bertarello, a idéia de revitalização do centro inclui outras ações a serem incrementadas este ano, como a criação de estacionamentos rotativos, em conjunto com o Iesbem e a Associação Comercial de Vitória. Ele disse que os estacionamentos serão feitos a partir do fechamento para o trânsito de diversas ruas e da utilização da mão-de-obra de menores carentes para fiscalizá-los. Lembrou que a PMV já está trabalhando no projeto, fazendo um levantamento das ruas que se transformarão em estacionamento e até o final do primeiro semestre deste ano a implantação efetiva do projeto.

Além disso, a PMV está trabalhando com a idéia de transformar o Jardim

patrimônio histórico e cultural ali existente e através de várias medidas que melhorem a qualidade de vida e animem suas ruas.

E essa revitalização, reivindicada pela classe artística, pelos comerciantes e por toda comunidade da Região já começa a ser feita a partir da restauração da Fafi e da criação do projeto Artes na Praça na Costa Pereira — que tem sido elogiado por muitos moradores. Entretanto, para a maioria das pessoas que trabalha e habita o centro da cidade, a decadência da qualidade de vida no centro é flagrante, assim como a sua desvalorização em meio ao barulho, à poluição e à concentração de carros e de pessoas.

Para o secretário Estadual de Meio Ambiente, Almir Bressan, que mora há vários anos no início da avenida Beira-Mar, o centro de Vitória está se tornando insuportável, embora ele concorde que não seja fácil reverter esse processo. E isto acontece principalmente devido a dois fatores: a topografia da cidade e à ocupação feita sem qualquer planejamento. “E o que vemos hoje é que Vitória possui prédios excessivos que formam corredores impedindo a ação dos ventos; morros e maciços ocupados indevidamente, que dão origem a deslizamentos a qualquer chuva”, disse ele.

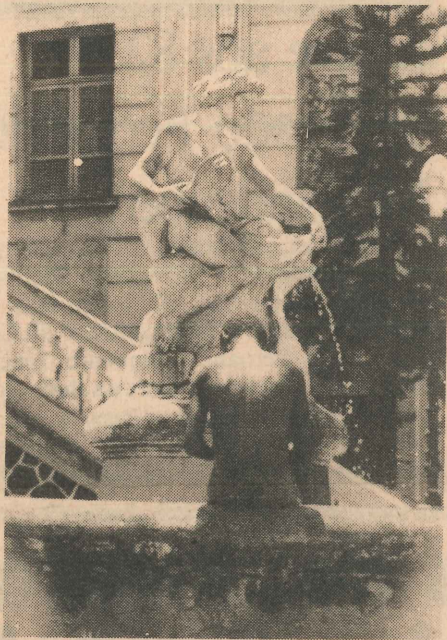
O excesso de prédios formando corredores dificulta a dispersão da poluição causada por veículos e serve para dar ressonância ao barulho, além de provocar imenso calor na região durante o verão. A terra que desce com as chuvas dos morros, junto com o lixo, suja a cidade e entope os bueiros, provocando mau cheiro em toda área. O secretário lembrou ainda de outro problema: a falta de espaço para a movimentação de pessoas e carros e para a construção de áreas de lazer, além de ser impossível achar ali uma área para a construção de um reservatório de tratamento de água e esgoto.

Entre a selva e o abandono

Os moradores, certamente, são os que mais sentem a queda da qualidade de vida no centro e mais torcem para que o projeto de revitalização da área dê certo. Há mais de 30 anos residindo na rua Aristides Navarro, no final da rua Sete, a assessora da Assembléia Legislativa Terezinha Tristão Bichara acompanhou o processo de transformação do que era o centro de uma cidade provinciana para o de um conglomerado urbano. Sua rua, por exemplo, foi abandonada pelos antigos moradores de posses e até mesmo mansões e antigos casarões foram divididos em habitação para até cinco famílias. Com isto, o lixo começou a ser atirado na rua e as janelas e sacadas antigas se transformaram em varais.

Transformação semelhante, para Terezinha Bichara, aconteceu com o resto do centro. O comércio nobre, que na década de 60 se constituía no programa das tardes de alinhadíssimas donas de casa, deu lugar aos camelôs e às lojas que antes só eram comuns na Vila Rubim. Mas o que a assusta mais é a multidão. Neste sentido, acha que morar no centro é estafante, porque quem tem necessidade de fazer qualquer coisa nas regiões mais movimentadas do centro acaba se deparando com inúmeros obstáculos. São os esbarrões nas pessoas, os carros, o

Nos dias úteis, as praças do centro, como a Costa Pereira, são invadidas por espetáculos de nível suspeito



Na fonte do Anchieta, o pivete



Foto de Allton Lopes

Milhares de camelôs invadiram áreas vitais como a Praça Oito de Setembro



Nas ruas do centro, o trânsito confuso e barulhento não respeita o pedestre e faz aumentar os conflitos e as tensões

descarregamento de caminhões, os vendedores ambulantes.

A falta de banheiro público é o principal problema do centro, na opinião de Jairo Artur de Castro, proprietário de uma banca de revistas na Praça Costa Pereira. Isto, porque durante a noite, é o fundo de sua banca, assim como toda a praça e a escadaria São Diogo, situada em frente, que acabam servindo de mictório para a população que vive as noites daquelas paragens. No geral, ele acha que o centro está decaindo e mal se anima a sair de casa à noite já que ali não tem área de lazer, nem nada que atraia sua atenção.

Mas uma coisa ele e o comerciante Ivo Belchior Filho reconhecem: é que as manhãs de domingo da Costa Pereira melhoraram bastante após a introdução do projeto Artes na Praça ali. No mais, é só

engarrafamento, depósito de lixo e mau cheiro. Tudo isto, para os comerciantes, está prejudicando bastante o comércio: “As pessoas preferem frequentar os shoppings na região da Praia do Canto do que se submeterem a engarrafamentos, dificuldade de estacionamento e ainda aos assaltos dos pivetes”, disse a comerciante Rosemere Nascimento, 23 anos, que nota uma grande queda no nível do público na galeria do edifício Antares.

Embora não reclame do movimento do comércio, o proprietário da Fat Shop, Antônio de Pádua Salviano critica a desvalorização e o esvaziamento cultural do centro de Vitória. E critica as autoridades que aceitam passivamente a invasão da cidade por camelôs, a poluição e a falta de higiene das ruas e, principalmente, a descaracterização da

cidade. Já o professor da Ufes, João Batista Herkenhof, lamenta a descaracterização das escadarias. Morador do centro há 17 anos, ele acredita que são elas que dão alma à cidade e que deveriam ser extremamente bem-cuidadas. Lamenta também que a área ao redor da Catedral tenha se transformado em estacionamento ao invés de abrigar um jardim.

Herkenhof, entretanto, é dos poucos que pensa que o centro de Vitória tem solução. “Um bom paisagista é capaz de transformar o centro, mas para isto é necessário decisão de governo”, disse ele, acrescentando que considera necessário também a criação de uma associação de amigos e moradores da Cidade Alta — “onde se encontra muita coisa digna de se resgatar”.

Reivindicação antiga dos artistas de

dos lagos e a melhoria da iluminação, além da construção de uma biblioteca municipal na área.

A restauração do prédio da Fafi e da Igreja do Rosário já está sendo providenciada e existem projetos para a melhoria das diversas praças existentes no centro. O secretário de Serviços Urbanos, João Mangaravite, informou que ainda na segunda semana de junho começarão a ser instalados cerca de 500 latões de lixo em toda a cidade, que atualmente conta com cerca de 60 varredores que retiram todos os dias mais de 20 toneladas de lixo da região.

De acordo com Bertarello, a idéia de revitalização do centro inclui outras ações a serem incrementadas este ano, como a criação de estacionamentos rotativos, em conjunto com o Iesbem e a Associação Comercial de Vitória. Ele disse que os estacionamentos serão feitos a partir do fechamento para o trânsito de diversas ruas e da utilização da mão-de-obra de menores carentes para fiscalizá-los. Lembrou que a PMV já está trabalhando no projeto, fazendo um levantamento das ruas que se transformarão em estacionamento e até o final do primeiro semestre deste ano a implantação efetiva do projeto.

Além disso, a PMV está trabalhando com a idéia de transformar a Jerônimo Monteiro num corredor cultural, restaurando e conservando os prédios com fachadas características do início do século, melhorando os letreiros, além de restaurar a Casa da Cultura, a Fafi e o Mercado da Capixaba. Existe também o projeto de recuperação da região da Vila Rubim, na opinião do secretário, atualmente muito degradada. Estas duas principais obras, a da recuperação da Jerônimo Monteiro e a da Vila Rubim, estão previstas para os próximos dois anos. Depois disso, a PMV vai tentar trabalhar com a região do porto, utilizando os galpões sem uso para humanizar e embelezar a cidade.

Em termos de meio ambiente, segundo Almir Bressan, está sendo feito um cadastramento de todas as fontes poluidoras e a operação fumaça negra, que visa a diminuir a liberação de gases por veículos, já está em pleno andamento.

Atrofia e valorização

Para Roberto Simões, se é difícil para o centro de Vitória deixar de ser esvaziado com a transferência de boa parte do comércio e da vida social para outros bairros, esta é a hora do centro ganhar um charme especial como ponto de divulgação da história da cultura capixaba. Ele disse, entretanto que é preciso se ter em mente que o centro nunca vai se transformar num shopping center limpo e desinfetado para o usufruto da classe alta e média. Isto porque o centro de uma cidade não pode ser propriedade de uma classe dominante, que segrega a pobreza e a miséria como forma de controle dos espaços urbanos.

E porque no centro não dá para se segregar, a segurança fica mais difícil, é necessário se conviver com diversos hábitos das pessoas mais variadas. E isto para Roberto Simões só vai ser possível quando as pessoas entenderem que a vida numa democracia é o constante exercício de convivência com os conflitos e com a diferença sem tensão.